

AVENTURAS NO RIO DE JANEIRO

Cinquenta anos trabalhando como planejador urbano deixam marcas. Meus amigos sabem que para viajar, faço uma planilha com os tempos de viagem, horários e lugares que desejamos conhecer, alguns até brincam quando não dá pra encontrar nenhuma visita a suas cidades: fui preterido na planilha? No Rio de Janeiro não foi diferente. Nosso último dia ficou reservado para conhecer o Sítio de Burle Marx, um velho sonho, admirador que sou de suas obras de arte e projetos de paisagismo. Tenho uma teoria que Burle teve relação com Franca, mas é assunto para outra oportunidade. Autor de jardins icônicos em Brasília e no aterro do Flamengo, sempre digo que gostaria de conhecer Caracas só para visitar o Parque Francisco de Miranda. Uma chuva fina caía sobre a cidade, algo que nos deu alegria, há meses que não víamos uma. Nosso cicerone, o Loiola, nos apanhou no hotel exatamente às 7h30 da manhã rumo ao sítio na Barra de Mangaratiba. É uma unidade especial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que exige reserva prévia para visitar.

É longe, uma hora e meia no mínimo, o trânsito é caótico, ainda mais sob chuva, só o aplicativo nos salva de entrar numa quebrada esquisita. Exatamente no horário, chegamos lá. Esperava um sítio com as plantas e jardins do mestre paisagista, mas é mais, muito mais que isso. Há um guia especializado que acompanha as pessoas o tempo todo, inclusive grupos de estrangeiros. Uma pequena e sinuosa via pavimentada que vai subindo morro acima é o eixo da visita. Os jardins e as plantas são, na medida do possível, os mesmos que Burle Marx deixou quando faleceu em 1994, vão replantando. Como uma de suas exigências para doar o sítio ao governo era continuar com os trabalhadores enquanto vivessem, ainda há alguns jardineiros dos tempos que estava a frente do sítio, que vão repassando seus ensinamentos aos mais novos.

São vários os atrativos: uma capela colonial restaurada em sua beleza e simplicidade, a moradia de Burle Marx transformada num verdadeiro museu de arte com suas coleções, onde recebia amigos e dava festas, um galpão para abrigar outras obras de arte construído com materiais de demolição de um edifício eclético no centro do Rio e uma cobertura com cozinha onde também dava festas e almoços. A maravilhosa obra de Burle Marx nesses tempos de destruição da natureza e do planeta é um alívio, um respiro do que poderia vir a ser o planeta se houvesse mais gente como ele. Uma frase sua ilustra a visita: “Deus, pra mim, é a natureza”. O lugar onde Burle Marx morou e produziu em seus últimos vinte anos de vida foi – e continua sendo – um grande laboratório de experimentações: mais de 3.500 espécies de plantas tropicais e subtropicais, organizadas em viveiros e jardins convivem em harmonia com a vegetação nativa numa área de 405 mil metros quadrados.

Finda a visita, tomamos o caminho de volta pela Barra da Tijuca para visitar o novo Museu do Pontal, simplesmente espetacular, embora esteja no fim do mundo. Uma maravilhosa exposição do gravador J. Borges com seus cordéis e depois uma rápida passagem debaixo de chuva na estrambótica e inacabada Cidade das Artes com seus 97 mil m² de área construída. Sonho delirante do ex-prefeito César Maia, que contratou Christian de Portzamparc para fazer o projeto de uma construção em estilo desconstrutivista para abrigar um complexo de salas e auditórios para música clássica, ópera e música de câmara assim como para aprendizado de música erudita. Na prática, mais um objeto voador não identificado, elefante branco construído e mantido com dinheiro público, muito dinheiro público, que certamente faz falta aos projetos culturais noutros lugares como favelas e comunidades à mercê de milicianos conhecidos nossos que estão nas imediações da Barra da Tijuca. Mas quem sou eu para criticar, se o povo vota em Maia, Marçal em São Paulo e Xandão e João B. Rocha na Franca?

Terminamos a visita à antiga Cidade Maravilhosa com um jantar em boa companhia oferecido pela Lelha Canedo, contemporânea dos nossos tempos do IETC, junto com a família do Loiola e fazendo juras de voltar logo (Continua).
Mauro Ferreira é arquiteto